



O Diálogo como Instrumento de Construção Coletiva em Organização Espírita

Raimundo Martins Ferreira¹

“Diz o Apóstolo Paulo: ‘Acolhei o que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões.’ É que para chegar à cultura, filha do trabalho e da verdade, o homem é naturalmente compelido a indagar, examinar, experimentar e teorizar, mas, para atingir a fé viva, filha da compreensão e do amor, é forçoso servir. E servir é fazer luz.” (XAVIER, 2005, p. 137).

O homem inicia a sua história no momento em que Deus o cria “simples e ignorante” (KARDEC, 2006, p. 125). A sua jornada para atingir a meta maior, chegar à perfeição e à suprema felicidade, passa por experiências das mais simples às mais complexas. Assim, o homem vai enfrentando os desafios de acordo com a sua capacidade, a qual vai se desenvolvendo ao longo de sua vida.

De acordo com o potencial que indica a sua essência como ser divino, o homem, gradativamente, vai removendo os obstáculos que o impedem de tornar o seu potencial em ato, em luz, brilhando com a intensidade capaz de clarear os elementos do mundo, ainda desconhecidos.

Nesse processo evolutivo, o homem é o principal ator; é o grande responsável pelos acertos e pelos equívocos cometidos, uma vez que é dotado de livre arbítrio para escolher o caminho que o levará a sua meta; é o ser, conseqüentemente, que constrói o seu próprio progresso.

Todavia, o homem não progredirá por si mesmo. A aquisição do conhecimento que o leva a superar os obstáculos ao seu progresso depende da participação de outras pessoas, encarnadas ou não. Essa participação, por outro lado, não tem o caráter de substituição das suas iniciativas; não deve transformá-lo em um ser dependente, onde a sua liberdade de escolher e realizar é enfraquecida. A participação é uma contribuição mútua dos envolvidos, passa pela análise sincera e fraternal de todos, ensejando-lhes condições para que cada um possa tomar a sua própria decisão. É, assim, parte de um processo de ensino e aprendizagem onde todos são considerados iguais, ávidos para adquirir mais conhecimentos sobre assuntos tratados em determinado período de sua existência e para praticar a divina tarefa de bem servir.

Em uma construção coletiva, onde todos devem colaborar, servir e aprender, nem sempre essas características são observadas. Devido às imperfeições ainda fortemente presentes nos participantes, o colaborar se apresenta como imposições sutis de suas ideias, o servir como medidas para furtar a oportunidade do outro em realizar a sua parte, e aprender como repetição, desta vez quase inconsciente, dos hábitos de iludir o seu semelhante, desenvolvidos em outras oportunidades.

¹ Trabalhador da Fundação Allan Kardec, Manaus, AM, atualmente na condição de diretor da Diretoria de Apoio ao Trabalhador.

É necessário, portanto, encontrar um caminho em que as construções coletivas desenvolvidas por trabalhadores espíritas contribuam decisivamente para o desenvolvimento do potencial de cada participante, através da observância dos princípios de fraternidade, igualdade, liberdade, humildade e caridade. Esse caminho que assegura a prática da construção coletiva é o diálogo; o diálogo genuíno que diminui a possibilidade da prática de simulacro de construção coletiva no âmbito de grupos e organizações e que tem sido praticado por educadores, ao longo da história dos povos.

Assim, neste trabalho, será demonstrado como o diálogo pode contribuir para que trabalhadores espíritas possam construir coletivamente decisões e conhecimentos, no âmbito da organização espírita.

Diálogo

O diálogo tem sido definido como “uma conversa, uma discussão, um perguntar e responder entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca” (ABBAGNANO, 2000, p. 274). O diálogo têm sido destacado por filósofos e educadores, ao longo da história mundial. Sócrates e Platão, com seus métodos maiêutica e dialética, respectivamente, serviram de base para o desenvolvimento dos métodos de busca do conhecimento de pensadores como Aristóteles, Georg W. F. Hegel, Karl Marx e Friedrich Engels. Freire (1970) discute a importância do diálogo no processo educacional; Jesus e Kardec usaram o diálogo como instrumento de ensino e divulgação das ideias por eles defendidas.

Neste trabalho, examinaremos partes de diálogos de Sócrates, apresentados nos *Diálogos* (PLATÃO, 1976 e 2010), de Jesus Cristo, no *Evangelho de João* (BÍBLIA, 1994), e de Allan Kardec, no livro *O que é o Espiritismo* (KARDEC, 1985). O objetivo da análise é identificar elementos dos diálogos encontrados nos diferentes textos, que poderão contribuir para caracterizar o diálogo como instrumento de construção coletiva, em organizações espíritas.

Para que o leitor melhor acompanhe as apreciações a seguir apresentadas, os textos referidos estão anexados neste trabalho.

Diálogos

Sciacca (1967, p. 63) afirma que Platão, em seus *Diálogos*, tenta interpretar o pensamento de Sócrates uma vez que este “viveu e morreu testemunhando que algo levava dentro de si mesmo. O que?”. Assim, e de acordo com Sciacca, no relato de Platão,

Sócrates é a imagem viva da filosofia platônica sem deixar de ser Sócrates, pois é sempre o mestre o tema da meditação do discípulo, que “explica” (e explicando-a eterniza num sistema de pensamento) a vida displicente deste sábio que não escreveu nada e dizia “nada saber”.

A riqueza dos trabalhos de Platão, por outro lado, facilitou a tomada de decisão para destacar passagens que serão apreciadas nesta seção. Assim, devido a natureza dos assuntos desses diálogos, ligados à natureza do tema deste trabalho, foram destacadas duas passagens: de *Mênon* que trata da teoria da reminiscência e de *Fédon*, da imortalidade da alma

Mênon (Anexo A)

No diálogo *Mênon*, há elementos importantes que auxiliam no desenvolvimento intelectual dos participantes. Seis desses elementos são tratados a seguir:

- **Perplexidade** – é um estado de admiração, onde a pessoa se interessa pela descoberta ou conhecimento de algo. O jovem escravo, ao se deparar com o seu estado de ignorância, sente-se desafiado em aprender algo que lhe interessa;
- **Fazer perguntas** – Ao invés de afirmar, apresentar soluções ao problema, Sócrates enfatiza a importância do questionamento no processo de aprendizagem ou descoberta. Usando perguntas, os participantes vão, gradativamente, construindo o seu entendimento sobre o que está sendo tratado;

- **Sinceridade** – quando o entendimento do que é tratado ainda é periférico, os participantes não devem assegurar que a solução da questão já foi encontrada. Mênon quando diz “É o que parece”; “É o que parece provável” ou “Vendo-o como tu o vês, Sócrates, embora não saiba exatamente como, sou da opinião que o que dizes é acertado.” demonstra que não deve haver receio, ao afirmar que ainda não alcançou a compreensão completa da questão;
- **Humildade** – a posição de Sócrates em admitir a sua ignorância, quando afirma que “a maioria dos pontos por mim aduzidos em respaldo de meu argumento não tem caráter plenamente confiável”, demonstra a sua humildade, a sua disposição para aprender;
- **Determinação** – reconhecer a importância da realização do trabalho e seguir até onde for possível. Sócrates oferece o exemplo quando diz:

[...] que a crença no dever de investigar as coisas que ignoramos é algo que nos tornará melhores, mais corajosos e menos ociosos, de preferência à crença de que inexistirá sequer a possibilidade de apurar as coisas que ignoramos e de que não temos o dever de investigá-las, constitui um ponto em prol do qual me empenho em lutar, na medida de minhas forças, quer nos meus discursos, quer nas minhas ações.

- **Preferência pelo trabalho coletivo** – o diálogo, evidentemente, pressupõe um trabalho coletivo. Entretanto, aquele que ainda não está seguro da riqueza do trabalho coletivo, pode, em momentos de dificuldades, optar pela concentração de poder de decisão, nas mãos de poucos participantes, prejudicando, conseqüentemente, a efetiva construção coletiva do conhecimento. Sócrates, no seu trabalho incansável de procurar respostas para os seus questionamentos, demonstrava a sua preferência em trabalhar coletivamente. Isso se pode verificar quando se dirige a Mênon nesses termos: “Ora, se contamos com um consenso quanto ao dever de investigar o que se ignora, concordarias com a tentativa de uma investigação conjunta sobre o que é a virtude?”

Fédon (Anexo B)

Quatro importantes elementos do diálogo se encontram em Fédon:

- **Encorajamento da participação de todos** – A participação de Símiias, estimulada por Cebes, demonstra o quanto é indispensável envolver todos na construção do conhecimento. Cebes, também, deixa transparecer a responsabilidade de cada um na referida construção:

Eu, Sócrates, - disse Cebes – é que nada posso acrescentar a isso, nem tenho por que descrever desses argumentos, Todavia, se aí Símiias mais pode dizer alguma coisa, fará bem de não ficar calado; não sei para qual ocasião, senão a presente o deixaria quem quisesse falar ou ouvir sobre temas tão graves.

- **Sinceridade** – Símiias exemplifica a posição que o participante de diálogos deve tomar quando ainda não se encontra satisfeito com o que já alcançou. Com fraternidade, afirma,

Bem pouco eu – disse Símiias – encontro ainda razões de descrença, depois das palavras que se disseram. Contudo, em face da magnitude dos assuntos discutidos e de meu desprezo pela fraqueza humana, sou forçado a continuar, aqui comigo, duvidando da certeza das teorias.

- **Exame rigoroso de tudo o que for apresentado** – O entendimento e a compreensão do que está se tratando devem ser o mais completo possível. O diálogo tem a sua importância quando todos estão interessados em aprender, em crescer, com essa atividade. Sócrates destaca esse aspecto do diálogo quando fala a Símiias: “Não é só isso; - disse Sócrates – mas dizes bem quanto a estas e quanto às primeiras proposições; embora fidedignas para vós, devem, sempre, ser examinadas com segurança.”
- **Aceitar esclarecimentos, resultados de análise e outros, quando não houver mais dúvidas** – O diálogo visa a um fim comum. Quando o resultado ainda não for atingido, o trabalho deve ser declarado incompleto. Quando um ou mais membros do grupo não tiverem as suas indagações suficientemente esclarecidas, o diálogo precisa continuar. Na continuação da passagem imediatamente registrada acima, Sócrates destaca esse aspecto quando declara:

Outrossim, se as [proposições] distinguirdes com suficiente clareza, ao que penso acompanhareis a sequência dos raciocínios na medida máxima em que é possível a um homem segui-los. E se isto em si resultar indubitável, não levareis vossas pesquisas mais adiante.

O Evangelho de João

Os quatro evangelhos - Mateus, Marcos, Lucas e João – justificam a sua denominação por atender o seu sentido grego que é “a Boa Nova da Salvação, a pregação desta Boa Nova.” (BÍBLIA, 1994, p. 1845). A Boa Nova é representada nos quatro evangelhos, registrando as palavras, as obras, a morte e a ressurreição de Jesus.

O Evangelho de João, diferente dos três outros evangelhos, os quais se assemelham, por isso, chamados sinóticos, apresenta passagens que só nele são registradas. Entre esse fatos novos, há dois diálogos – de Nicodemos e da Samaritana – e da conversa com os discípulos, onde o Mestre é entendido como o caminho que leva ao Pai. Essas três passagens são tratadas a seguir.

Nicodemos (Anexo C)

Elementos destacados no diálogo de Nicodemos:

- **Confiança, credibilidade** – A confiança, a credibilidade são fatores que alimentam o desenvolvimento de um diálogo. É importante que cada participante do diálogo transmita o que verdadeiramente entenda ou sinta a respeito do que se está tratando. Nicodemos quando afirma que “[...] ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele”, reconhece a credibilidade de Jesus; acredita no Mestre. Daí a sua decisão, o seu esforço para encontrar Jesus.
- **Acreditar no potencial divino do outro** – Com o uso de afirmativas ou questionamentos, é importante estimular o outro a apresentar a sua própria compreensão sobre o assunto tratado. Jesus, quando afirma que “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”, enfatiza a necessidade de Nicodemos se esforçar para entender a sua posição. Acredita que Nicodemos pode alcançar o verdadeiro entendimento da questão, bastando para isso, que seja estimulado a alcançá-lo.
- **Espírito crítico** – Quem dialoga deve se interessar em dominar o assunto tratado, em todos os seus possíveis aspectos. O seu posicionamento deve ser baseado no conhecimento obtido tanto através de estudos de obras de diferentes autores, quanto do que tem experienciado ao longo de sua vida. O seu questionamento cessará quando atingir o ponto onde lhe parece que, ou não há mais o que se procurar ou que, as dúvidas ainda existentes, precisam de tempo para serem esclarecidas. Jesus quando pergunta a Nicodemos; “Pois que és mestre em Israel e ignoras estas coisas?”, parece indicar que Nicodemos não se aprofundou nos seus estudos sobre o assunto, como deveria. Assim, a sua dificuldade em entender o Mestre.

A Samaritana (Anexo D)

Os samaritanos são os habitantes de Samaria, atualmente denominada de Cisjordânia, cuja capital é Sabastiyah. Na época de Cristo, os samaritanos mantinham um relacionamento difícil com os judeus, fazendo com que Jesus, ao enviar os seus apóstolos para pregar o seu Evangelho, o fizesse com cautela, evitando entrar na cidade dos samaritanos (Mt 10,5). Jesus, entretanto, era benevolente para com os samaritanos (Lc 10, 30-37) e quando fala aos seus apóstolos que eles seriam as suas testemunhas em toda a parte, destaca Samaria como um desses lugares (At 1,8).

No diálogo com a samaritana, vários elementos importantes de um verdadeiro diálogo são destacados:

- **Princípio de igualdade** – Os participantes do diálogo devem ser vistos como iguais, ou seja, todos são igualmente importantes no desenvolvimento do processo. Isso significa que, as pessoas estão neste mundo para progredir e devem aproveitar todas as oportunidades que se lhe apresentam.

Quando Jesus dialogou com a samaritana, a viu como uma igual, um espírito imortal, cuja posição enquanto encarnada, não deveria ser motivo de discriminação.

- **Paciência** – Os participantes de um diálogo não detém, necessariamente, o mesmo nível de conhecimento sobre um determinado assunto. Os que estão mais a frente devem se esforçar para auxiliar aqueles que demonstram dificuldades para entender diferentes aspectos do assunto tratado. No diálogo com a samaritana, Jesus trabalha para que o verdadeiro conceito de adoração a Deus se torne claro. O fato da samaritana ter feito várias perguntas, e, no final, não se satisfazer com as explicações do Mestre quando diz, “Eu sei que o Messias (chamado Cristo) está para vir. Quando ele vier, explicará tudo para nós”, não deixou o Mestre impaciente, apenas o levou a se apresentar como o Messias esperado.
- **Confiança** – A confiança mútua é muito importante entre os participantes do diálogo. Jesus viu na samaritana alguém que precisava crescer na compreensão sobre adorar a Deus. A samaritana, por seu lado, passou a confiar no Mestre, quando lhe foram apresentadas explicações de fatos verdadeiros sobre o seu passado e o seu presente. Com a confiança mútua, o diálogo aproxima mais as pessoas e contribui para que o ambiente seja mais harmônico.
- **Espírito crítico** – O entendimento sobre uma questão pode se basear na fé cega naquele que a apresenta, ou em análise criteriosa da referida questão. A afirmativa de Jesus quando diz:

Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura.

Demonstra a necessidade de melhor compreendermos o que tem sido decisivo na nossa vida. Logo, apreciar criticamente o que se discute em grupo, é um fator que contribui significativamente para o desenvolvimento espiritual das pessoas.

Jesus: caminho para o Pai (Anexo E)

O anúncio da ida de Jesus para o mundo espiritual, cria, entre os apóstolos, um sentimento de abandono. Para confortá-los, o Mestre fala que prepararia um lugar onde todos deveriam ficar. Fala, também, que era necessário que todos entendessem que ele era o caminho para o Pai, mas, se ainda assim não fosse possível alcançá-lo, um outro consolador viria para auxiliá-los nesse entendimento.

Desse diálogo, alguns elementos foram selecionados.

- **Serenidade** – “Não se perturbe o vosso coração; vós credes em Deus, crede também em mim.” Palavras de Jesus para assesturar os corações dos apóstolos, em um momento de preparação para a sua ida para o plano espiritual. Essa mensagem de serenidade do Mestre se aplica nos participantes de um diálogo. A serenidade ajuda na concentração do que se está tratando, contribuindo, assim, para um melhor entendimento das explicações oferecidas por cada participante.
- **Espírito Crítico** – Tudo o que é tratado em um diálogo deve ser entendido o mais completo possível. Quando Jesus fala a Filipe “Eu estou convosco há tanto tempo, e entretanto, Filipe, não me reconheceste? Aquele que me viu viu o Pai. Por que dizes: ‘Mostra-nos o Pai’?” mostra que é importante que cada participante se concentre no que está sendo tratado para evitar dificuldades no entendimento do assunto.
- **Humildade** – “Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, eu não as digo por mim mesmo. Pelo contrário, é o Pai que permanecendo em mim realiza as suas próprias obras”. As palavras do Mestre colocam a humildade como uma das qualidades imprescindível para que um diálogo seja bem sucedido. Se os participantes entendem que sua ideia é a melhor e evitam analisar as ideias dos outros, por julgarem desnecessárias, o diálogo é grandemente prejudicado, ou melhor, não há mais diálogo, mas disputa das ideias apresentadas. Por outro lado, a humildade põe cada participante em condição de progredir mais rapidamente.

- **Credibilidade do ponto de vista apresentado** – O que se apresenta em um diálogo não tem, necessariamente, garantia de aceitação em si mesmo. A apresentação de exemplos pode tornar clara a ideia, fortalecendo, assim, essa aceitação. Jesus, quando diz “Crede-me, eu estou no Pai e o Pai está em mim; e se não credes na minha palavra, crede, contudo, por causa destas obras”, percebeu a necessidade de recorrer às suas obras para que houvesse entendimento, aceitação, do que estava sendo apresentando.
- **Amor** – O amor deve ser a base do relacionamento entre os membros de um diálogo. Jesus personificou esse princípio, declarando que “Quem se apegue aos meus mandamentos e os observe, este me ama; ora, aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu, por minha vez, o amarei e me manifestarei a ele”. A sua vivência do amor é um tipo de vivência que o Mestre gostaria que todos os seus apóstolos tivessem. Assim, os apóstolos se tornariam os instrumentos do pensamento e das ações de Jesus, na realização do bem, neste mundo.
- **Possibilidade do atual conhecimento ser incompleto** – Os participantes de um diálogo devem estar preparados para o fato de que os conhecimentos obtidos no encontro podem não representar o ponto final sobre o assunto tratado. O conhecimento obtido pelo grupo pode ser o início da jornada. Jesus deixou claro essa possibilidade quando afirma que “O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que eu vos disse”. Isso se comprovou, mais tarde, com o advento do Espiritismo.

O que é o Espiritismo

O livro *O que é o Espiritismo* foi escrito por Kardec, com a finalidade de atender pessoas que gostariam de ter uma ideia sobre o Espiritismo, sem que, com isso, fosse necessário, utilizar o seu tempo em um estudo mais aprofundado do mesmo. É, também, um livro básico para aquele que se inicia no estudo do Espiritismo.

O Céptico (Anexo F)

Os diálogos *O Crítico*, *O Céptico* e *O Padre* foram construídos tendo como base as principais perguntas feitas sobre o Espiritismo, por pessoas “que desconhecem os princípios fundamentais da Doutrina [Espírita] e, bem assim, a refutação dos principais argumentos de seus contraditores” (KARDEC, 1985, p. 49). Assim, não se trata de reprodução de diálogos que Kardec teve com pessoas, cujas características fizessem jus a denominação de crítico ou céptico, mas da construção de diálogos com dados obtidos em situações experienciadas pelo autor.

O diálogo *O Céptico* foi aqui utilizado, por melhor oferecer elementos que contribuem para a construção do diálogo desenvolvido em uma organização espírita. No Anexo F foram selecionadas algumas partes do diálogo para facilitar o entendimento dos pontos abaixo.

- **Grande interesse pela questão** – Os participantes de um diálogo devem se sentir grandemente motivados para dominar o assunto em apreciação, pois isso o leva a progredir mais rapidamente. A pessoa que dialoga com Kardec, declara peremptoriamente, que o assunto Espiritismo o “excita o interesse no mais alto grau”. Isso deve se tornar um grande início para que a referida pessoa siga firmemente no seu objetivo de conhecer bem o assunto, estudando-o desde as suas noções básicas.
- **Transparência de propósitos** – Em um diálogo, o propósito deve ser o crescimento do ser humano e esse crescimento deve estar transparente nas suas ações. No diálogo, Kardec está disposto a continuar a sua conversa, desde que o outro apresente as suas indagações “com sinceridade e sem pensamento oculto”. Assim, as pessoas que não desejam agir como membro de um determinado grupo de estudos, por não desejarem colocar as suas ideias para serem apreciadas ou por não terem disposição para apreciar cuidadosamente as ideias de outros participantes, certamente não estão prontos para participar do grupo, pois, assim, estarão descaracterizando a verdadeira ideia de diálogo.

- **Humildade** – A humildade auxilia a pessoa a receber com satisfação novos conhecimentos que o mundo lhe oferece. O humilde está continuamente procurando progredir, porque sabe que, o que conquistou, ainda está distante de se tornar o um conhecimento completo. Kardec exemplifica essa atitude quando diz que “não tenho a pretensão, entretanto de poder responder a todas [as perguntas]” e “não poderei dizer mais do que sei”, no início do seu diálogo. A presença dessa virtude no Codificador do Espiritismo é ainda mais contundente, quando afirma categoricamente quando lhe é imputado a autoria do Espiritismo:

Nisso vos contesto, caro senhor; dais-me subida honra atribuindo-me esse sistema quando ele não me pertence. Ele foi totalmente deduzido do ensino dos Espíritos. Eu vi, observei, coordenei e procuro fazer compreender aos outros aquilo que compreendo; esta é a parte que me cabe.

E, também, quando complementa a sua resposta,

Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibniz; nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec; e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade? O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais somos simples átomos

- **Espírito crítico** – A decisão de dominar determinada questão exige análise aprofundada de todos os seus aspectos, mas conforme a capacidade do interessado. Esse elemento do diálogo é exemplificado por Kardec quando fala sobre sua crença na existência dos Espíritos,

Essa crença apóia-se sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu próprio não a adotei senão depois de metucioso exame. Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência nos seus mais íntimos refulhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo aceitar ideia alguma sem lhe conhecer o como e o porquê.

- **Condições mínimas de conhecimento para participar do diálogo** – Em um diálogo podem ser tratadas questões variadas tanto na construção do conhecimento, quanto na formulação de tomada de decisões. De um modo geral, o interesse pelo assunto elege a pessoa a tomar parte do diálogo. Entretanto, há situações em que a melhor boa vontade não consegue suprir a deficiência de participação do interessado. A participação de quem apresenta tais deficiências, depende da complexidade da matéria a ser tratada e da qualidade dos membros existentes. Kardec quando é indagado sobre a possibilidade do visitante participar da sociedade que desenvolve estudos espíritas, responde negativamente devido a inexistência de “ideias mais firmes” do que possuía no momento. O mestre lionês, todavia, o orienta a estudar mais sobre o assunto e a assistir uma ou duas sessões de estudos desenvolvidas pela Sociedade. Quando as suas “convicções estiverem fortalecidas”, o pedido do interessado seria apreciado pela Sociedade.

Construção coletiva

Construção coletiva é um processo, no qual um grupo de pessoas se reúne para construir, coletivamente, decisões e conhecimentos de seu interesse e voltados para o bem comum. É um processo onde, necessariamente, há apreciação de ideias das mais variadas e com a mesma ordem de importância; onde os participantes são tratados como iguais; se sentem bem em trabalhar com pessoas de experiência e conhecimentos diferentes; e detém uma vontade muito forte de progredir intelectualmente e moralmente. O processo de construção coletiva, entretanto, perde a sua característica, quando é dominado por uma ou mais pessoas, devido ao seu *status* organizacional ou por se tratar de *expert* na questão tratada.

Construção coletiva é uma oportunidade que cada pessoa tem de aprender, viver e crescer com desenvoltura, na companhia de outras pessoas. Aprende analisando indagações, afirmações, contradições, comportamentos e outros pontos apresentados no processo. Vive novas maneiras de se relacionar com os participantes do grupo, bem como experimenta sentimentos em situações diversas. Cresce quando, através das atividades experienciadas no grupo, modifica a sua maneira de ver e agir em relação ao mundo e a si mesmo.

Por sua vez, no processo de construção coletiva em organizações espíritas, o espírita dispõe de uma excelente oportunidade para colocar em prática os princípios de fraternidade, de humildade e de caridade, tratados pela Doutrina Espírita.

Construção coletiva e diálogo na organização espírita

O entendimento de construção coletiva apresentado indica o diálogo como o instrumento que assegura a sua existência. A construção coletiva pressupõe o diálogo de iguais, desconstruindo a ideia de prática do autoritarismo no relacionamento entre os participantes.

Em uma organização espírita, particularmente em centros espíritas, o diálogo tem características daqueles praticados por pessoas que foram exemplos, quando trabalharam com outras pessoas, para apresentarem novas filosofias ao mundo.

Neste trabalho, os elementos principais do diálogo como instrumento da construção coletiva são construídos com a seleção de elementos de parte de *Diálogos* de Platão, onde Sócrates é o principal personagem, de Jesus, no Evangelho de João, e de Allan Kardec, no capítulo I, do livro *O que é o Espiritismo*. A utilização de princípios morais da Doutrina Espírita conclui esse trabalho de construção.

Assim, o diálogo que é utilizado como instrumento da construção coletiva em organização espírita tem as seguintes características:

- **Prioridade pelo uso de perguntas ao invés de afirmações** – na construção coletiva, as perguntas devem ser utilizadas desde a tomada de decisão sobre o porquê do estudo de algo. O porquê deve ser resultado da participação de todos e não de alguém, cuja autoridade é devida a sua função na instituição ou no conhecimento adquirido. Aliás, o que mais conhecimento tem, deve estimular o questionamento por parte daqueles que demonstram mais dificuldades de participação. Por fim, sempre que houver dúvidas, as exteriorizações das mesmas devem vir, preferencialmente, através de perguntas do que através de afirmativas;
- **Preferência pelo trabalho de construção coletiva** – os que fortemente acreditam e praticam o trabalho individual, têm dificuldades de dialogar com o intuito de construir conhecimentos ou decisões. A harmonia do grupo é alcançada ou mantida com mais facilidade, quando há a crença de que o trabalho é mais profícuo quando há participação efetiva de todos, no processo;
- **Vontade firme de participar para aprender** – o participante estabelece, no diálogo, a forte determinação em dominar a questão apreciada pelo grupo. É um objetivo que não admite desistência. Por outro lado, e para que os participantes melhorem o seu conhecimento mútuo, é necessário que todos tornem esse objetivo transparente entre os membros. Aprender gera momentos de satisfação. Aprender em conjunto, torna essa satisfação ainda maior. É a alegria de ver o entusiasmo no semblante dos que estão trabalhando juntos;
- **Condições mínimas para participar do diálogo** – há situações que exigem condições mínimas de conhecimento para participar do grupo. Nem sempre a boa vontade de colaborar supera a insatisfação advinda da grande dificuldade de entender o que se está tratando. Há casos, em que observando o grupo a dialogar e se esforçando, através de estudo à parte, a dominar as condições preliminares para o entendimento do assunto, a pessoa, de futuro, poderá se tornar membro do referido grupo.
- **Espírito crítico** – o espírito crítico é o caminho para que o conhecimento ou decisões sejam construídos com maior riqueza de participação. Em um diálogo, tudo o que precisa ser compreendido deve ser questionado. Só se avança para uma nova fase de conhecimento quando a compreensão da fase anterior foi obtida e, só se conclui um trabalho, quando não mais houver dúvidas. Por outro lado, para se exercitar o espírito crítico, é importante, também, ouvir com atenção as manifestações de cada participante, procurando sentir e viver a sua mensagem;

- **Crença mútua no potencial divino do outro** – todos que participam de um diálogo devem entender que estão trabalhando para que a sua luz possa, um dia, brilhar com toda a intensidade. Essa luz brilhará mais rapidamente, à proporção que os participantes se esforcem e se auxiliem mutuamente, para executar o trabalho que lhes cabe realizar;
- **Confiança mútua** – à proporção que o esforço mútuo se desenvolve e a solidariedade seja exercitada por todos, há construção da confiança mútua entre os participantes. Todos agem responsavelmente, fazendo o melhor dentro de suas possibilidades, alcançando um nível elevado da participação de todos na construção coletiva de conhecimentos e decisões;
- **Serenidade** – mesmo nas situações onde todos se dedicaram grandemente e a compreensão da questão analisada parece não ser alcançada, é necessário manter a serenidade. A serenidade mantém a confiança de que cedo ou tarde, tudo o que deve ser esclarecido ou construído, irá acontecer;
- **Paciência** – a consciência de que todos somos limitados nos nossos conhecimentos e diferentes no desenvolvimento moral, é razão necessária e suficiente para não termos a pretensão de conhecermos um e o outro completamente. O comportamento do outro tem sua razão de ser e só a compreendemos em tese, uma vez que a minha compreensão não é igual a compreensão do outro. Daí, agirmos com paciência diante de comportamentos inesperados, independentemente da sua possível consequência;
- **Encorajamento mútuo da participação efetiva de todos** – é importante que todos estejam atentos para a diminuição da participação de alguns membros, em determinado momento do diálogo. Assim, quem perceber esse tipo de situação, deve encorajar a participação efetiva dos que estão se comportando passivamente, no processo. Por outro lado, esse encorajamento mútuo fortalece a compreensão de que todos são igualmente responsáveis pelos resultados do trabalho, em realização.

Como suporte a esses elementos, é necessário que os participantes atentem sempre para a prática dos princípios abaixo:

- **Princípio de igualdade** – todos os participantes são iguais e devem se sentir como tal, independentemente de seu status social e profissional. Como enfatiza Lacordaire:

Na balança divina, são iguais todos os homens; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. São da mesma essência todos os Espíritos e formados de igual massa todos os corpos. Em nada os modificam os vossos títulos e os vossos nomes. (KARDEC, 1988, p. 147).
- **Princípio de fraternidade** – “[...] a fraternidade pressupõe desinteresse, abnegação da personalidade”. (KARDEC, 2006, p. 562). As pessoas tomadas pelo sentimento de fraternidade, se esmeram na delicadeza do tratamento que dispensa aos demais participantes, contribuindo, assim, para a construção ou manutenção de um ambiente harmônico, necessário para que todos melhor desenvolvam a compreensão do assunto em análise.
- **Princípio de liberdade** – “A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que Ele deixa a cada um, pois cada um tem o mérito de suas obras” (KARDEC, 2006, p. 128). Em um processo dialógico, todos devem ter a liberdade de perguntar, responder, concordar, discordar, sem que isso lhe cause constrangimento ou prejudique a harmonia do grupo.
- **Princípio de humildade** – a humildade leva, cada um, a reconhecer o limite do seu conhecimento em relação à questão tratada, em relação a si mesmo e em relação ao outro. Essa atitude desculpa sempre os seus erros e os erros dos outros e, mantém o estímulo para se esforçar mais, a fim de aprender mais e servir melhor.
- **Princípio de caridade/amor** – Não se pode falar de caridade sem falar de amor. Fazer o bem pelo bem é amor e é caridade para conosco mesmos.

‘Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós’, é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo (KARDEC, 1988, p. 190).

A prática da caridade une as pessoas e faz com que elas se apoiem mutuamente. Em um diálogo, a caridade constrói a proteção contra a discriminação entre os participantes e enfraquece ou elimina os sentimentos de animosidade. Ela vê todas as pessoas como irmãs, como Espíritos imortais, trabalhando para que todos compreendam que as dificuldades, são oportunidades que Deus utiliza, com o fim de fortalecer o amor entre os participantes.

Conclusão

Todos os homens foram criados para, um dia, chegarem à perfeição. A caminhada é realizada de várias maneiras, podendo, uns atingirem o seu objetivo mais rapidamente “[...] conforme seu desejo e submissão à vontade de Deus” (KARDEC, 2006, p. 126).

No diálogo, como instrumento de construção coletiva, o homem aprende a lidar com os outros, exercitando o amor e os princípios de igualdade, fraternidade, liberdade, humildade e caridade. É uma atividade onde todos os participantes têm a oportunidade de desenvolver a cultura de ver o seu semelhante como um Espírito imortal, filho do mesmo Pai, desconstruindo, assim, o hábito de destacar funções temporárias nas quais o homem é investido, enquanto está na Terra. No diálogo, os participantes se sentem iguais, têm grande disposição de aprender e de agir solidariamente.

O processo de construção coletiva, por sua vez, exige, de cada participante, constante reflexão e pesquisa sobre o assunto que está sendo tratado. Exige, também, disposição para participar e encorajar outros que participem, efetivamente, da atividade.

Na construção coletiva todos têm a oportunidade de progredir mais rapidamente e, à proporção que essa prática se solidifica na existência de cada participante, a sua luz se faz mais intensa, pois alcançou o estágio de servir incondicionalmente.

A prática da construção coletiva deve, portanto, ser estimulada pelas organizações espíritas que desenvolvem as suas ações baseadas nos dois ensinamentos fundamentais, *amai-vos e instruir-vos*, destacados pelo *O Espírito de Verdade* (KARDEC, 1988, p. 136).

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. da 1. ed. Alfredo Bosi. Revisão de tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

BÍBLIA – **Tradução Ecumênica**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed**. New York, NY: The Seabury Press, 1970.

KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos. 29. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1985.

_____. **O evangelho segundo o espiritismo**. Trad. Guillon Ribeiro. 99. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1988.

_____. **O livro dos espíritos**. Trad. Evandro Noleto Bezerra. ed. especial. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2006.

PLATÃO. **Diálogos**: defesa de Sócrates; um banquete; Êutifron; Critão (ou o dever); Fédon. Trad. Jaime Bruna. 6. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1976.

_____. **Diálogos**: o banquete; Mênon (ou da virtude); Timeu; Crítias. Trad. Edson Bini. 1. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2010.

Sciacca, Michele Federico. **História da filosofia I**: antiguidade e idade média. Trad. Luiz Washington Vita. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

XAVIER, Francisco Cândido. **Ceifa de luz**. Pelo Espírito Emmanuel. ed. especial. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2005.

Anexo A

Mênon²

[...]

Sócrates: E três vezes três pés quanto são?

Jovem escravo: Nove.

Sócrates: E a figura quadrada dupla era para ter que quantidade de pés?

Jovem escravo: Oito.

Sócrates: A conclusão é que não tivemos êxito em construir nossa figura de oito pés com base nesta linha de três pés.

Jovem escravo: É evidente que não.

Sócrates: Mas com base em que linha conseguiríamos construí-la? Tenta dizer-nos isso com exatidão. Mas se preferes não efetuar esse cálculo, basta indicares qual é a linha.

Jovem escravo: Por Zeus, Sócrates, eu não sei.

Sócrates: Percebes, Menon, que ponto já foi atingido por ele em seu processo de reminiscência? Inicialmente desconhecia a linha que possibilita a construção da figura de oito pés; e mesmo agora continua a desconhecer-la; mas, no entanto, ele julgava que a conhecia então, e se manteve respondendo confiantemente como se a conhecesse, insciente de qualquer dificuldade; agora, todavia, ele realmente se considera numa dificuldade, e além de não ter conhecimento, não julga que o tem.

Menon: O que dizes é verdadeiro.

Sócrates: Isso não significa que se encontra agora numa melhor posição com respeito à matéria que desconhecia?

Menon: Também em relação a isso penso que sim.

Sócrates: Ora, ao conduzi-lo à *perplexidade* e aplicar-lhe o choque elétrico **do** peixe-torpedo, deixando-o entorpecido, causamos a ele algum dano?

Menon: Penso que não.

Sócrates: Além disso, provavelmente que prestamos alguma ajuda, pelo que parece, a favor da descoberta da verdade da questão; de fato, agora ele poderá se ocupar da investigação com contentamento, julgando carente de conhecimento, ao passo que antes se predisporia facilmente a supor que estava certo em fazer muitas vezes diante de muitas pessoas a declaração de que a figura quadrada de tamanho em dobro deve ter uma linha do dobro de comprimento no que se refere ao lado dela.

Menon: É o que parece.

Sócrates: Bem, supões que ele teria tentado investigar ou apreender o que julgava conhecer, quando não o conhecia, enquanto não fosse induzido à perplexidade e compreendesse que não conhecia, experimentando então o anseio de conhecer?

Menon: Penso que não, Sócrates.

Sócrates: Assim ser entorpecido lhe foi benéfico?

Menon: Penso que sim.

Sócrates: Observa agora como, com base nessa perplexidade, ele avançará e descobrirá algo *numa investigação conjunta comigo*, na qual me restringirei *a fazer perguntas e não o ensinarei*. Conserva-te vigilante para apurar se em alguma

² Platão. *Diálogos*, 1. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2010. p. 132-137.

etapa da investigação poderás me flagrar o ensinando e lhe explicando coisas em lugar de tão-só solicitar sua opinião através de perguntas.

Diz-me, [rapaz,] aqui temos um quadrado de quatro pés, não é mesmo? Entendes?

Jovem escravo: Sim.

Sócrates: E *aqui* adicionamos um outro quadrado igual ao primeiro?

Jovem escravo: Sim.

Sócrates: E *aqui* um terceiro igual a ambos os anteriores?

Jovem escravo: Sim.

Sócrates: Agora será o caso de preenchermos este espaço vazio no ângulo?

Jovem escravo: Certamente.

Sócrates: O resultado é ter *aqui* estas quatro figuras iguais?

Jovem escravo: Sim.

Sócrates: Bem, quantas vezes é a figura inteira maior do que esta?

Jovem escravo: Quatro vezes.

Sócrates: Mas era para ser somente duas vezes maior, lembra?

Jovem escravo: Certamente.

Sócrates: E esta linha de um ângulo a outro não divide cada destas figuras em duas?

Jovem escravo: Sim.

Sócrates: E não temos aqui quatro linhas iguais que contém esta figura?

Jovem escravo: Temos.

Sócrates: Agora considera o tamanho dessa figura.

Jovem escravo: Não compreendo.

Sócrates: Cada uma das linhas internas não divide metade de cada uma das quatro figuras?

Jovem escravo: Sim.

Sócrates: E quantas figuras desse tamanho há nesta parte?

Jovem escravo: Quatro.

Sócrates: E quantas nesta?

Jovem escravo: Duas.

Sócrates: E quatro e quantas vezes dois?

Jovem escravo: Duas vezes.

Sócrates: E esta figura mede quantos pés?

Jovem escravo: Oito pés.

Sócrates: A partir de qual linha obtemos esta figura?

Jovem escravo: A partir desta.

Sócrates: Quer dizer, a partir da linha traçada que se estende angularmente através da figura de quatro pés?

Jovem escravo: Sim.

Sócrates: Os homens proficientes chamam-na de diagonal. Assim, se diagonal é o seu nome, com base no que afirmas, ó jovem escravo de Menon, a figura dupla é o quadrado da diagonal.

Jovem escravo: Certamente é isso, Sócrates.

Sócrates: O que julga disso, Menon? Em suas respostas houve alguma opinião por ele emitida que não fosse a sua?

Menon: Não, foram todas suas.

Sócrates: E, no entanto, como o asseveramos há pouco, ele não tinha conhecimento.

Menon: O que dizes é verdadeiro.

Sócrates: Não obstante, ele tinha essas opiniões nele encerradas, não tinha?

Menon: Sim.

Sócrates: Conclui-se então que aquele que não tem conhecimento possui dentro de si opiniões verdadeiras sobre quaisquer coisas que desconhece?

Menon: *É o que parece.*

Sócrates: E essas opiniões estão agora nele tumultuadas como se fossem um sonho; entretanto, *se lhe fossem feitas reiteradamente essas mesmas perguntas de maneira diversificada, ele acabaria, no fim, por ter dessas coisas um entendimento tão exato como qualquer outra pessoa.*

Menon: *É o que parece provável.*

Sócrates: Sem que pessoa alguma o haja ensinado e *através tão-só de perguntas a ele dirigidas, ele entenderá e descobrirá conhecimento dentro de si mesmo?*

Menon: Sim.

[...]

Sócrates: E se a verdade da totalidade das coisas que são permanece sempre em nossa alma, então esta é mortal; assim, deves sempre esforçar-te confiantemente na tentativa de investigar e lembrar o que desconheces atualmente, ou seja, aquilo que não lembras.

Menon: *Vendo-o como tu o vês, Sócrates, embora não saiba exatamente como, sou da opinião que o que dizes é acertado.*

Sócrates: Também eu experimento um certo desconforto, Menon. Admito que *a maioria dos pontos por mim aduzidos em respaldo de meu argumento não tem caráter plenamente confiável; contudo, que a crença no dever de investigar as coisas que ignoramos é algo que nos tornará melhores, mais corajosos e menos ociosos, de preferência à crença de que inexistente sequer a possibilidade de apurar as coisas que ignoramos e de que não temos o dever de investigá-las, constitui um ponto em prol do qual me empenho em lutar, na medida de minhas forças, quer nos meus discursos, quer nas minhas ações.*

Menon: *Julgo que também nisso falas com acerto, Sócrates.*

Sócrates: Ora, se contamos com um consenso quanto ao dever de investigar o que se ignora, concordarias com a tentativa de uma investigação conjunta sobre o que é a virtude? [grifo nosso].

Anexo B

Fédon³

[...] - Também agora (não é verdade?) quanto ao imortal; se assentamos que é também indestrutível, a alma seria, além de imortal, indestrutível; se não assentamos, precisaríamos doutro argumento [disse Sócrates].

- Não, não é nada preciso – respondeu Cebes – por esta razão: se o imortal, que é eterno, receber o aniquilamento, muito menos o deixaria de receber qualquer outro ser.

- Mas todos concordariam, penso, que jamais se destroem a divindade e a própria ideia da vida – disse Sócrates.

- Sim, por Zeus! – disse Cebes; - todos os homens e, imagino, ainda mais os deuses.

- Quando, pois, o mortal não é tampouco passível de aniquilamento, poderia uma alma, se acontece de ser imortal, deixar de ser indestrutível?

- Forçosamente não.

- Sobrevindo, pois, a morte ao homem, o que nele é mortal, naturalmente morre, mas o que é imortal vai-se embora, salvo e não aniquilado deixando o lugar à morte.

- Evidentemente.

- Acima de tudo, portanto, Cebes, - disse ele – uma alma é algo imortal e indestrutível, e nossas almas existirão no Hades realmente.

- Eu, Sócrates, - disse Cebes – é que nada posso acrescentar a isso, nem tenho por que descrever desses argumentos. Todavia, se aí Símiias mais pode dizer alguma coisa, fará bem de não ficar calado; não sei para qual ocasião, senão a presente o deixaria quem quisesse falar ou ouvir sobre temas tão graves.

- Bem, tampouco eu – disse Símiias – encontro ainda razões de descrença, depois das palavras que se disseram. Contudo, em face da magnitude dos assuntos discutidos e de meu desprezo pela fraqueza humana, sou forçado a continuar, aqui comigo, duvidando da certeza das teorias.

- Não é só isso; - disse Sócrates – mas dizes bem quanto a estas e quanto às primeiras proposições; embora fidedignas para vós, devem, sempre, ser examinadas com mais segurança. Outrossim, se as distinguirdes com suficiente clareza, ao que penso acompanhareis a sequência dos raciocínios na medida máxima em que é possível a um homem segui-los. E se isto em si resultar indubitável, não levareis vossas pesquisas mais adiante [grifo nosso].

³ Platão. *Diálogos*. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 199-200.

Anexo C

Conversa com Nicodemos⁴

Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus – que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto **ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.**”

Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade digo-te: **Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.**”

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”

Retorquiu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. – O que é nascido da carne é carne e o que é *nascido do Espírito é Espírito*. – *Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. – O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.*”

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?”

– Jesus lhe observou: “**Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas?** Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. – Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do céu?” [grifo nosso].

⁴ KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1988, p.89. (JOÃO, 3, 1-12).

Anexo D

A Samaritana⁵

1. Os fariseus ouviram falar que Jesus estava fazendo e batizando mais discípulos do que João,
2. Embora não fosse Jesus quem batizasse, mas os seus discípulos.
3. Quando o Senhor ficou sabendo disso, saiu da Judeia e voltou uma vez mais à Galileia.
4. Era-lhe necessário passar por Samaria.
5. Assim, chegou a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José.
6. Havia ali o poço de Jacó. Jesus, cansado da viagem, sentou-se à beira do poço. Isto se deu por volta do meio-dia.
7. Nisso veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dê-me um pouco de água”.
8. (Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida.)
9. **A mulher samaritana lhe perguntou:** “Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber?” (Pois os judeus não se dão bem com os samaritanos.)
10. **Jesus lhe respondeu:** “Se você conhecesse o dom de Deus e quem está pedindo água, você lhe teria pedido e dele receberia água viva”.
11. **Disse a mulher:** “O senhor não tem com que tirar água, e o poço é fundo. Onde pode conseguir essa água viva?”
12. Acaso o senhor é maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, bem como seus filhos e seu gado?”
13. **Jesus respondeu:** “Quem beber desta água terá sede outra vez,
14. mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”.
15. A mulher lhe disse: “Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água”.
16. Ele lhe disse: “Vá, chame o seu marido e volte”.
17. “Não tenho marido”, respondeu ela. Disse-lhe Jesus: “Você falou corretamente, dizendo que não tem marido.
18. **O fato é que você já teve cinco; e o homem com quem agora vive não é seu marido. O que você acabou de dizer é verdade”.**
19. Disse a mulher: “Senhor, vejo que é profeta.
20. Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”.
21. **Jesus declarou:** “Cria em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém.
22. **Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus.**
23. **No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura.**
24. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”.
25. Disse a mulher: “**Eu sei que o Messias (chamado Cristo) está para vir. Quando ele vier, explicará tudo para nós**”.
26. Então Jesus declarou: “Eu sou o Messias! Eu, que estou falando com você” [grifo nosso].

⁵ João 4, 1-26.

Anexo E

Jesus: Caminho para o Pai⁶

1. **Não se turbe o vosso coração; vós credes em Deus, crede também em mim.**
2. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Senão, ter-vos-ia eu porventura dito que ia preparar-vos o lugar onde ficareis?
3. Quando tiver ido prepará-lo para vós, voltarei e vos tomarei comigo, de tal sorte que lá onde eu estiver também vós estejais.
4. Quanto ao lugar para onde eu vou, vós sabeis o caminho.
5. **Tomé** lhe disse: “Senhor, nós nem sabemos para onde vais, como poderíamos saber o caminho?”
6. **Jesus** lhe disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim.
7. Se me conhecêsseis, conheceríeis também meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes”.
8. **Filipe** lhe disse: “Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta”.
9. **Jesus** lhe disse: “**Eu estou convosco há tanto tempo, e entretanto, Filipe, não me reconheceste? Aquele que me viu, viu o Pai. Por que dizes: ‘Mostra-nos o Pai’?**
10. **Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, eu não as digo por mim mesmo. Pelo contrário, é o Pai que permanecendo em mim realiza as suas próprias obras.**
11. **Crede-me, eu estou no Pai e o Pai está em mim; e se não credes na minha palavra, crede, contudo, por causa destas obras.**
12. Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que crer em mim fará também as obras que eu faço; ele fará até obras maiores, porque eu vou para o Pai.
13. Tudo o que pedirdes em meu nome, eu o farei de tal forma que o Pai seja glorificado no Filho.
14. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.
15. Se me amais, aplicar-vos-eis a observar os meus mandamentos;
16. Quanto a mim, eu rogarei ao Pai, e ele vos dará um outro Paráclito, que permanecerá convosco para sempre.
17. É ele o Espírito de verdade, aquele que o mundo é incapaz de acolher, porque não o vê e não o conhece. Quanto a vós, vós o conheceis, pois ele permanece junto de vós e está em vós.
18. Não vos deixareis órfãos, eu virei a vós.
19. Ainda um pouco e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis vivo, e também vós vivereis.
20. Naquele dia, conhecereis que eu estou no meu Pai e que vós estais em mim e eu em vós.
21. **Quem se apega aos meus mandamentos e os observa, este me ama: ora, aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu, por minha vez, o amarei e me manifestarei a ele”.**
22. **Judas**, não o Iscariotes, lhe disse: “Senhor, como é possível que tenhas de te manifestar a nós e não ao mundo?”
23. **Jesus** lhe respondeu: “Se alguém me ama, observará a minha palavra, e meu Pai o amará; nós viremos a ele e estabeleceremos a nossa morada.
24. **Aquele que não me ama não observa as minhas palavras; ora, esta palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou.**
25. Eu vos disse estas coisas enquanto permanecia convosco;
26. **O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que eu vos disse [grifo nosso].**

⁶ João 4, 1-26.

Anexo F

O Céptico⁷

V. — Compreendo, cavalheiro, a utilidade do estudo preliminar de que acabais de falar.

Como predisposição pessoal, ir-vos-ei que não sou a favor nem contra o Espiritismo, **mas esse assunto me excita o interesse no mais alto grau.**

Entre as pessoas de meu conhecimento, há partidários e adversários dele; a seu respeito tenho ouvido argumentos muito contraditórios, e propunha-me submeter-vos algumas das objeções que foram feitas em minha presença e que me parecem de certo valor, para mim ao menos, que vos confesso a minha ignorância a respeito.

A. K. — Terei grande satisfação, meu amigo, em responder às perguntas que me quiserdes dirigir, sempre que forem feitas **com sinceridade e sem pensamento oculto; não tenho a pretensão, entretanto, de poder responder a todas.**

O Espiritismo é uma ciência que acaba de nascer e da qual resta ainda muito a aprender; seria, pois, grande presunção de minha parte pretender levar de vencida todas as dificuldades; **não poderei dizer mais do que sei.**

O Espiritismo prende-se a todos os ramos da Filosofia, da Metafísica, da Psicologia e da Moral; é um campo imenso que não pode ser percorrido em algumas horas.

Compreendeis que me seria materialmente impossível repetir de viva voz e a cada pessoa, em particular, tudo quanto tenho escrito sobre essa matéria, para uso geral.

Em prévia leitura cada qual encontrará, além disso, uma resposta à maior parte das questões que lhe venham à mente; essa leitura tem a dupla vantagem de evitar repetições inúteis e **de provar um desejo sincero de instruir-se.**

Se, depois dela, ainda existirem dúvidas ou pontos obscuros, o esclarecimento não oferecerá mais dificuldade, porque já se possui um ponto de apoio e não se tem necessidade de perder tempo em rever os princípios mais elementares da Doutrina.

Se o permitirdes, limitar-nos-emos, por ora, a algumas questões genéricas.

V. — Seja; tende a bondade de chamar-me à ordem, sempre que eu dela me afaste. Pergunto-vos, em primeiro lugar, qual a necessidade da criação de novos termos: *espírita* e *espiritismo*, para substituir: *espiritualista* e *espiritualismo*, que são da língua vulgar e por todos compreendidos? Já ouvi alguém classificar tais termos de *barbarismos*.

A. K. — De há muito tem já a palavra *espiritualista* uma aceção bem determinada; é a Academia que no-la dá: *Espiritualista, aquele ou aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao materialismo.*

Todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo. Aquele que crê que em nós existe outra coisa, além da matéria, é espiritualista, o que não implica a crença nos Espíritos e nas suas manifestações. Como o podereis distinguir daquele que tem esta crença? Ver -vos-eis obrigado a servir-vos de uma perífrase e dizer: É um espiritualista que crê ou não crê nos Espíritos.

Para as novas coisas são necessários termos novos, quando se quer evitar equívocos. Se eu tivesse dado à minha *Revista* a qualificação de *espiritualista*, não lhe teria especificado o objeto, porque, sem desmentir-lhe o título, bem poderia nada dizer nela sobre os Espíritos, e até combatê-los.[...]

Se adotei os termos *espírita*, *espiritismo*, é porque eles exprimem, sem equívoco, as idéias relativas aos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*, mas nem todos os *espiritualistas* são *espíritas*.

[...]

V. — Convenho que, entre os detratores do Espiritismo, há muita gente inconsciente, como esses que acabais de citar; mas, ao lado deles, não se encontrarão também homens de real valor, cujas opiniões têm certo peso?

⁷ KARDEC, Allan. O que é o espiritismo. 29. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1985. p. 65-121.

A. K. — Não o contesto. A isso respondo que o Espiritismo também conta em suas fileiras muitos homens de não menos real valor; digo-vos, mais, que a imensa maioria dos espíritas se compõe de homens inteligentes e de estudos; só a má-fé pode dizer que seus adeptos são recrutados entre as mulheres simples e as massas ignorantes.

[...]

V. — O Espiritismo tende, evidentemente, a fazer reviver as crenças fundadas no maravilhoso e no sobrenatural; ora, no século positivo em que vivemos, isto me parece difícil, porque é exigir que se acredite nas superstições e nos erros populares, já condenados pela razão.

A. K. — Uma ideia só é supersticiosa quando falsa; mas cessa de o ser desde que passe a ser uma verdade reconhecida.

A questão está em saber se os Espíritos se manifestam, ou não; ora, isso não pode ser tachado de superstição, antes de ficar provado que não existem espíritos.

Direis: a minha razão não aceita essas comunicações; porém, os que crêem e que não são nenhuns mentecaptos invocam também as suas razões e, além disso, os fatos; para que lado se deve pender? O grande juiz, nesta questão, é o futuro — como tem sido em todas as questões científicas e industriais classificadas como absurdas e impossíveis em sua origem.

Pretendeis julgar *a priori* segundo a vossa opinião; nós só o fazemos depois de, por muito tempo, ter visto e observado. Acresce que o Espiritismo esclarecido, como o é hoje, procura, ao contrário, destruir as idéias supersticiosas, mostrando o que há de real ou de falso nas crenças populares, denunciando o que nelas existe de absurdo, fruto da ignorância e dos preconceitos.

[...]

V. — Vós vos apoiáis em fatos, dissestes; mas opõe-se -vos a opinião dos sábios que os contestam, ou os explicam de modo diferente do vosso.

Por que não fixaram eles sua atenção sobre o fenômeno das mesas girantes?

Se nisso tivessem notado alguma coisa de sério, parece-me que não desprezariam fatos tão extraordinários e nem os repeliriam com desdém; no entanto, são todos eles contra vós.

Os sábios não serão o farol das nações, e não têm o dever de esclarecê-las?

A que atribuíis que tenham deixado de fazê-lo, quando se lhes apresentava tão bela ocasião de revelar ao mundo a existência de uma nova força?

[...]

A.K. — (o que diziam os chamados sábios)

[...] *“Guardemo-nos, pois, de negar a possibilidade do que não compreendemos, com receio de receber, mais cedo ou mais tarde, o desmentido que desabonaria nossa perspicácia.”*

V. — Perfeitamente; eis aí um sábio raciocinando com sabedoria e prudência; e, sem ser sábio, eu penso igualmente; notai, porém, que ele nada afirma, mas duvida; ora, qual é a base em que se firma a crença na existência dos Espíritos e, sobretudo, na sua comunicação conosco?

A. K. — **Essa crença apóia-se sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu próprio não a adotei senão depois de metucioso exame. Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência nos seus mais íntimos refolhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo aceitar idéia alguma sem lhe conhecer o como e o porquê.**

Eis o raciocínio que me fazia um sábio médico, outrora incrédulo e hoje fervoroso adepto:

“Dizem que seres invisíveis se comunicam; por que negá-lo?

“Antes de inventar-se o microscópio, suspeitava alguém que existissem esses milhares de animálculos que causam tantos estragos à economia?

[...]

V. — O senhor tinha razão de dizer que das mesas giratórias e falantes saiu uma doutrina filosófica, e longe estava eu de suspeitar as conseqüências que surgiram de um fato encarado como simples objeto de curiosidade. Agora vejo quanto é vasto o campo aberto pelo vosso sistema.

A. K. — **Nisso vos contesto, caro senhor; dais-me subida honra atribuindo-me esse sistema quando ele não me pertence. Ele foi totalmente deduzido do ensino dos Espíritos. Eu vi, observei, coordenei e procuro fazer compreender aos outros aquilo que compreendo; esta é a parte que me cabe.**

Há entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos esta diferença capital; que estes são todos obra de homens, mais ou menos esclarecidos, ao passo que, naquele que me atribuí, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio.

Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec; e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade?

O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais somos simples átomos.

V. — Tendes uma sociedade que se preocupa com esses estudos: **ser-me-ia possível fazer parte dela?**

A. K. — **Por ora, ainda não; porque se não há, para ser nela recebido, necessidade de ser doutor em Espiritismo, há, contudo, a de ter-se sobre ele ao menos ideias mais firmes do que as vossas.**

Como a Sociedade não deseja ser perturbada nos seus estudos, ela não admite os que lhe viriam fazer perder tempo com questões elementares, nem os que, não simpatizando com seus princípios e convicções, lançariam a desordem no seu seio, com discussões intempestivas ou com o espírito de contradição.

É uma sociedade científica, como tantas outras, que se ocupa de aprofundar os diferentes pontos da ciência espírita e procura esclarecer-se; é o centro ao qual convergem ensinos colhidos em todas as partes do mundo e onde se elaboram e coordenam questões que se relacionam com o progresso da Ciência, mas não é uma escola nem um curso de ensino elementar. Mais tarde, quando as vossas convicções estiverem fortalecidas pelo estudo, ela decidirá se vos deve admitir. Enquanto esperais, podereis assistir, como visitante, a uma ou duas sessões, com a condição de não fazer reflexão alguma de natureza a melindrar quem quer que seja; do contrário, eu, que vos vou apresentar, incorreria na censura dos meus colegas, e a porta vos seria interdita.

Aí encontrareis uma reunião de homens graves e de boa sociedade, cuja maioria se recomenda pela superioridade do seu saber e posição social, e que não consentiria, àqueles que recebe em seu seio, se afastarem das conveniências, no que quer que seja; não creais, pois, que ela convide o público e chame o primeiro recém-vindo para assistir às suas sessões.

Como não faz demonstrações com o fim de satisfazer curiosidades, ela afasta com cuidado os curiosos [grifo nosso].

